

DESCRIÇÃO DIACRÔNICA DA EXPRESSÃO PRONOMINAL DO ARGUMENTO-SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Alessandra Regina GUERRA¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v19i3.3449>

Resumo: Este artigo apresenta dados diacrônicos sobre a opcionalidade entre expressão e não expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro. O quadro teórico é formado por uma articulação entre a Gramática Discursivo-Funcional e um conjunto de trabalhos funcionalistas que lidam com motivações comunicativas da estrutura das línguas, tais como, iconicidade e economia. Os dados são levantados a partir de um *corpus* especificamente constituído para a realização da pesquisa, formado por peças de teatro brasileiras. O período recoberto pela investigação se estende da primeira metade do século XIX ao início do século XXI. Como resultado, o trabalho (i) oferece dados quantitativos que, corroborando outras pesquisas, mostram e documentam detalhadamente o aumento diacrônico da opção por expressão pronominal, em oposição à não expressão, e (ii) disponibiliza ocorrências exemplificativas de ambas as opções, distribuídas por todo o período em análise.

Palavras-chave: Sujeito Gramatical. Sujeito Nulo. Motivações em Competição. Iconicidade. Variação e Mudança.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba, Minas Gerais, Brasil; alessandra.guerra@uftm.edu.br; <http://orcid.org/0000-0002-9665-0002>

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

DIACHRONIC DESCRIPTION ON THE PRONOMINAL EXPRESSION OF SUBJECT IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Abstract: This paper presents diachronic data on the optionality between expression and non-expression of subject through pronoun in Brazilian Portuguese. The theoretical framework is based on an articulation between Functional Discourse Grammar and functionalist studies that deal with communicative motivations of language structure, such as iconicity and economy. The corpus constructed for the investigation is composed by Brazilian theatre plays, and the analyzed historical period covers the period between the first half of the 19th century and the beginning of the 21st century. As main results, (i) the paper offers quantitative data that, in line with other researches, show, as well as document in detail, the diachronic increase in the option of pronominal expression, over the option of non-expression, and (ii) it provides illustrative examples of both options, which are distributed along the whole period under analysis.

Keywords: Grammatical Subject. Null Subject. Competing Motivations. Iconicity. Variation and Change.

Introdução

Estudos na área de descrição gramatical atestam que, no português brasileiro (PB), na construção de orações finitas, verifica-se diacronicamente um fenômeno que, de acordo com a perspectiva funcionalista aqui assumida, consiste no aumento da incidência de expressão pronominal do argumento-sujeito, em oposição à opção por não expressão pronominal. Trata-se de mudança correspondente, no geral, ao que, nos termos da Gramática Gerativa, é tratado como aumento nos índices de uso de sujeito pronominal pleno, ou diminuição do emprego de sujeito nulo. O processo é amplamente tomado como fundamental na história do PB, sendo visto por Tarallo (1993), no âmbito da Sociolinguística Paramétrica, como parte de um conjunto de mudanças que teriam alterado drasticamente o PB, transformando-o num novo sistema gramatical e o diferenciando do português europeu.

Diante da relevância da temática, o objetivo do presente trabalho é apresentar dados diacrônicos quantitativos acerca desse fenômeno, bem como ocorrências exemplificativas, a partir de pesquisa mais ampla que realizamos abrangendo o assunto. Os dados quantitativos e os exemplos apresentados focalizam argumentos-sujeito de 1^a e 2^a pessoa, do singular e do plural, e são extraídos de *corpus* por nós compilado, constituído de peças teatrais brasileiras produzidas entre a primeira metade do século

XIX e o início do século XXI. Não obstante o foco quantitativo do trabalho, incluímos, no decorrer do texto, de forma complementar, algumas reflexões qualitativas sobre os dados expostos, em caráter de hipóteses, como fomento a possíveis verificações futuras.

Consideramos que a proposta se justifica por ser uma forma não só de corroborar o fenômeno em questão, mas também, e principalmente, de ampliar e diversificar a disponibilização de dados sobre essa mudança, de modo a permitir uma descrição cada vez mais aprofundada desse aspecto da história do PB – inclusive tendo em vista que, na literatura linguística, o corpo de dados diacrônicos quantitativos disponível não é tão vasto quanto a importância do tema parece requerer. Com efeito, na medida em que nossa pesquisa envolveu a constituição de um *corpus* próprio, os dados e os exemplos aqui fornecidos provêm de material diferente do utilizado em outros trabalhos. Ademais, nosso estudo definiu um conjunto particular de critérios para o levantamento de ocorrências de (não) expressão do argumento-sujeito, também fazendo nossas constatações advirem de uma perspectiva distinta da estabelecida em outros trabalhos.

O artigo encontra-se organizado da seguinte forma: primeiramente, sintetizamos o quadro teórico do trabalho; na sequência, resumimos algumas pesquisas relacionadas ao fenômeno em pauta; em seguida, explicamos a constituição do *corpus* e os critérios para levantamento de ocorrências; na continuação do artigo, apresentamos nossos dados diacrônicos quantitativos sobre o fenômeno e ocorrências exemplificativas, complementando a seção com apreciações qualitativas introdutórias sobre os dados apurados; por fim, elaboramos as considerações finais.

Quadro teórico

Os resultados aqui disponibilizados provêm de investigação que conduzimos (GUERRA, 2017) no quadro do funcionalismo linguístico, com base em uma articulação entre a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e um conjunto de trabalhos funcionalistas que lidam com motivações comunicativo-cognitivas da estrutura das línguas e com a influência dessas motivações sobre fenômenos diacrônicos (SLOBIN, 1977; HAIMAN, 1985; GIVÓN, 1985; CROFT, 2003). Nesse contexto teórico, empregamos a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) especialmente para caracterizar o conceito de argumento-sujeito e a opcionalidade entre sua expressão e não expressão pronominal; os demais trabalhos são usados principalmente para subsidiar a orientação *diacrônica* de nossa pesquisa.

A GDF é uma teoria tipologicamente baseada na estrutura gramatical das línguas, comportando quatro níveis de análise linguística: o interpessoal, o representacional, o

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

morfossintático e o fonológico. No nível interpessoal, são descritos os aspectos pragmáticos codificados na estrutura formal das unidades linguísticas, o nível representacional descreve os aspectos semânticos, o nível morfossintático é reservado para a descrição da estrutura morfossintática, e o nível fonológico inclui a representação da estrutura fonológica das unidades linguísticas. Cada nível compreende uma série de categorias de análise que permitem, no conjunto, descrever os diversos aspectos envolvidos na construção gramatical dos enunciados das línguas do mundo, sendo mais relevantes aqui os três primeiros níveis.

Considere-se o enunciado em (1):

(1) Eu comprei um livro.

Dentre outros aspectos, a descrição desse enunciado, no nível interpessoal, indicaria que se trata de um ato discursivo com ilocução declarativa, no qual o falante realiza três subatos de referência (isto é, três ações linguísticas de evocação de referente): dois subatos que remetem ao falante (um correspondente ao pronome *eu* e outro, à flexão *-i*) e um que remete a um referente tomado pelo falante como não identificável pelo ouvinte (correspondente à expressão *um livro*).² No nível representacional, a descrição incluiria a identificação de que o enunciado contém um estado de coisas, representado por um esquema de predicação formado por um predicado (*comprar*) e dois argumentos: um argumento agente (relativo ao falante e expresso duplicadamente, tanto por *eu*, quanto por *-i*) e um argumento paciente (*livro*). No nível morfossintático, seria reconhecido que o enunciado é organizado em uma oração, constituída pela sequência de um sintagma nominal (preenchido pela palavra nominal *nós*), um sintagma verbal (composto pela palavra verbal *comprei*) e outro sintagma nominal (formado pela palavra gramatical *um* e pela palavra nominal *livro*).

No PB, um procedimento fundamental para a organização dos enunciados é a seleção de um dos argumentos do esquema de predicação para receber a função sintática de sujeito, a qual é indicada no nível morfossintático – no caso em (1), a função seria marcada junto ao sintagma preenchido com o pronome *eu*. Neste artigo, o termo *argumento-sujeito* diz respeito a esse argumento do esquema de predicação ao qual é atribuída a função de sujeito.

² Com base em Leufkens (2015), assumimos aqui, conforme discutido detalhadamente em Guerra (2017), que, na construção de orações no PB, as desinências verbais de número e pessoa têm valor referencial (constituem subatos de referência), não sendo casos de concordância verbal (como tratado em outras abordagens), o que se depreende, dentre outros fatores, da gramaticalidade, e capacidade de indicação referencial, de orações sem sujeito expresso por sintagma nominal, como *cheguei bem*.

Conforme amplamente conhecido, em línguas como o PB, em orações finitas, quando o argumento-sujeito remete à 1ª ou à 2ª pessoa do discurso (no singular ou no plural), ou quando remete à 3ª pessoa (singular ou plural) com referente acessível no contexto e sem especificação de informação adicional sobre esse referente, aquele argumento, além de ser marcado em pessoa e número por desinência verbal, adicionalmente pode ser expresso por pronome pessoal na função sintática de sujeito, como em (1), ou pode não ser expresso por pronome (ficando a marcação apenas a cargo de desinência verbal), como em *comprei um livro*. Trata-se da opcionalidade correspondente ao que, na Gramática Gerativa, é abordado em termos de sujeito pronominal pleno ou nulo, respectivamente.³

Como mencionado, também se reconhece que a história do PB exhibe a tendência de aumento percentual da opção de expressão pronominal do argumento-sujeito, em oposição à não expressão. Em Guerra (2017), tratamos essa mudança em conjunto com outras duas mudanças típicas do PB, os aumentos de frequência de uso das formas pronominais *você* e *a gente* em detrimento dos pronomes *tu* e *nós*. No referido trabalho, analisamos o impacto dessas três alterações sobre a evolução diacrônica do grau de transparência linguística do PB, sendo o grau de transparência de uma língua, grosso modo, a proporção em que seu sistema gramatical prevê relações biunívocas entre unidades da estrutura formal e unidades de significado dos enunciados.

Conforme mostramos naquele trabalho, tais mudanças acarretam, ao longo da história do PB, tanto fatores de aumento quanto de diminuição de transparência da língua. Por exemplo, diacronicamente, o aumento no índice de expressão pronominal do argumento-sujeito é fator de diminuição no grau de transparência da língua no domínio da construção de orações que empregam formas verbais com desinência número-pessoal explícita, já que tal aumento passa a fomentar a opção por construções não transparentes como *eu cantei bem* (em que duas formas, *eu* e *-i*, codificam um mesmo significado, o de 1ª pessoa do singular), em prejuízo de construções transparentes como *cantei bem*. Já a substituição de *tu* por *você* e de *nós* por *a gente*, em orações com verbo, por exemplo, no pretérito imperfeito do indicativo, é fator de aumento de transparência, pois passa a favorecer construções como *você cantava bem* e *a gente cantava bem* em lugar de construções como *tu cantavas bem* e *nós cantávamos bem*.

No referido trabalho, argumentamos que o desenvolvimento das três mudanças e seu impacto sobre a transparência do PB estariam associados à atuação de motivações (forças) comunicativo-cognitivas elementares que operam sobre as línguas, influenciando

³ Para um tratamento funcionalista da expressão pronominal do argumento-sujeito no PB, ver também Oliveira (2018).

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

sua estrutura e suas mudanças. Slobin (1977) concebe as seguintes motivações: (i) clareza, a tendência de uma língua de manter um mapeamento de um-para-um entre semântica e sintaxe (é, assim, uma força que encaminharia a língua para a transparência); (ii) processabilidade, segundo a qual a direção da mudança é sempre no sentido de adaptar a língua às restrições de tempo real inerentes à programação e à interpretação de enunciados; (iii) rapidez e facilidade/simplicidade, a tendência da língua de imprimir velocidade e compactar a informação, isto é, apagar, contrair e juntar formas na estrutura superficial dos enunciados; (iv) expressividade, que envolve meios para codificar ao menos um conjunto universal de conceitos e relações e para controlar a atenção do ouvinte. Segundo o autor, como essas forças são inerentemente competitivas, as línguas estão constantemente mudando. Tais motivações ditam o direcionamento das mudanças, mas, como estão sempre em competição, a cada momento de uma língua, uma das motivações pode sobrepor-se às demais.

A primeira e a terceira motivações, no geral, aproximam-se respectivamente das noções de: *iconicidade*, a existência de alguma similaridade entre forma e significado; e *economia*, a codificação de dois ou mais significados por uma mesma unidade formal ou a veiculação de significado sem expressão formal (como em morfemas zero). O mapeamento de um-para-um previsto na motivação da clareza de Slobin (1977) caracteriza o tipo de iconicidade definido como isomorfismo, enquanto a velocidade e a compactação de informação incluídas na motivação de rapidez e facilidade/simplicidade correspondem à pressão por economia. Conforme reconhecido por diferentes autores, a exemplo de Haiman (1980, 1983, 1985) e Croft (2003), iconicidade e economia constituem duas das principais motivações em competição atuantes na determinação da estrutura linguística.

Em Guerra (2017), mostramos que, no PB, a interação entre as três mudanças em questão (expressão/não expressão pronominal do argumento-sujeito e as mudanças *tu/você* e *nós/a gente*) promove movimentos condizentes com as motivações em competição, especialmente iconicidade e economia. Por exemplo, o aumento da tendência de construções transparentes (construções caracterizadas por uma relação de um-para-um entre unidades de forma e significado na estruturação dos enunciados) como *eu cantava bem*, em lugar de não transparentes como *cantava bem*, decorrente do aumento dos índices de expressão pronominal do argumento-sujeito, é um movimento em direção à iconicidade (sendo a transparência um tipo de iconicidade);⁴ ao mesmo tempo, é um movimento não econômico, pois um significado antes veiculado sem expressão formal passa a ser expresso por uma forma. O fomento de construções como *a*

4 Como explicado em Guerra (2017), a transparência constitui uma situação de iconicidade, particularmente o tipo entendido como *isomorfismo sintagmático* na visão de Haiman (1980, 1983, 1985) e Croft (2003).

gente cantava bem, em detrimento de *nós cantávamos bem*, decorrente da mudança *nós/a gente*, constitui fenômeno tanto icônico (ao levar à transparência) quanto econômico (na medida em que um significado veiculado por duas formas passa a ser expresso por apenas uma). A emersão de construções como *cantava bem* (no sentido de *você cantava bem*), em lugar de *cantavas bem*, propiciada pela mudança *tu/você* (e pela permanência na língua da possibilidade de não expressão do argumento-sujeito), é um movimento não icônico, mas econômico.

Procedemos, em Guerra (2017), a um cálculo quantitativo integrado do efeito das três mudanças sobre a transparência do PB, especificamente de seu sistema de expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoa. Apuramos que o grau de transparência desse sistema, diacronicamente, não se altera unidirecionalmente para aumento ou para diminuição de transparência, mas oscila em torno de um eixo, ora caminhando em direção a aumento, ora em direção à diminuição de transparência, o que decorreria de uma competição equilibrada entre diferentes motivações comunicativo-cognitivas, sobretudo iconicidade e economia, já que ambas, como mencionado, pressionariam a língua tanto para transparência quanto para não transparência.

Esse quadro teórico constitui, enfim, o contexto no qual foram levantados os dados aqui apresentados sobre o aumento diacrônico da expressão pronominal do argumento-sujeito no PB. A partir da seção seguinte, focalizamos essa mudança em específico.

A expressão pronominal do argumento-sujeito no PB

O aumento da incidência percentual de expressão pronominal do argumento-sujeito corresponde à temática muito abordada em trabalhos associados ao paradigma gerativista. Segundo Raposo (1992), na Gramática Gerativa, particularmente na Teoria de Princípios e Parâmetros, considera-se que a chamada *gramática universal* contém *princípios* invariáveis, presentes em qualquer língua, assim como princípios abertos, denominados *parâmetros*, que são uma espécie de “comutadores linguísticos” cujo valor é definido no processo de aquisição da linguagem, ao final do qual ocorre sua fixação numa de duas posições possíveis.

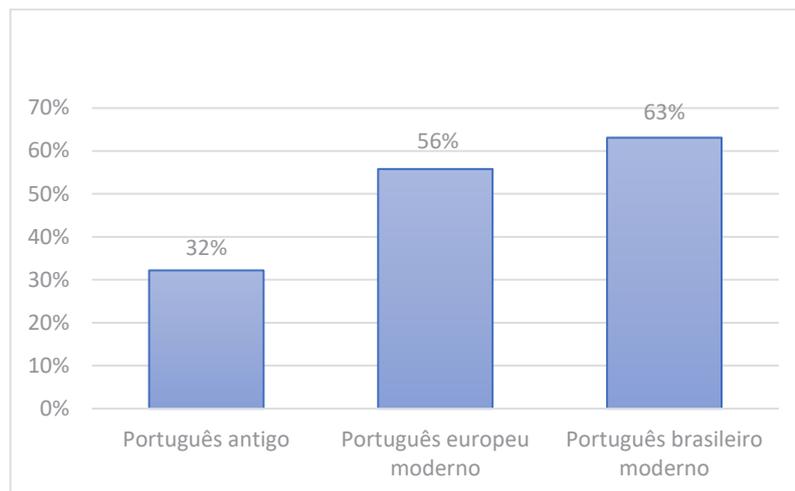
Conforme o autor, entre os princípios universais, encontra-se o Princípio de Projeção Estendido, segundo o qual toda língua reserva, na estrutura sintática subjacente da sentença, uma posição para a expressão do sujeito, princípio ao qual se associa o *parâmetro do sujeito nulo*, que oferece duas possibilidades: o preenchimento fonético da posição de sujeito é facultativo, como em espanhol e italiano (línguas de sujeito nulo), ou obrigatório, como em francês e inglês (línguas de sujeito não nulo) (RAPOSO, 1992).

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Nesse sentido, a mudança linguística aqui em análise é, no geral, correspondente ao que, em trabalhos associados ao gerativismo, especialmente na Sociolinguística Paramétrica, é concebido em termos de diminuição do uso de sujeito nulo – ou aumento do uso de sujeito pronominal pleno.

Considerando a especial atenção dispensada ao tema no campo ligado ao gerativismo, convém observar os resultados de alguns trabalhos da área, como é o caso do estudo de Kaiser (2006), para quem se verifica, no PB, uma tendência cada vez mais frequente de se utilizar pronomes plenos na posição de sujeito de orações finitas.⁵ Como evidência da mudança, o autor levanta dados do português antigo (século XIII), do português europeu moderno (1993) e do PB moderno (2000), extraídos de traduções portuguesas da Bíblia. No gráfico 1, sintetizamos os dados apresentados pelo autor:

Gráfico 1. Frequências de sujeito pleno no português segundo Kaiser (2006)



Fonte: Elaboração própria

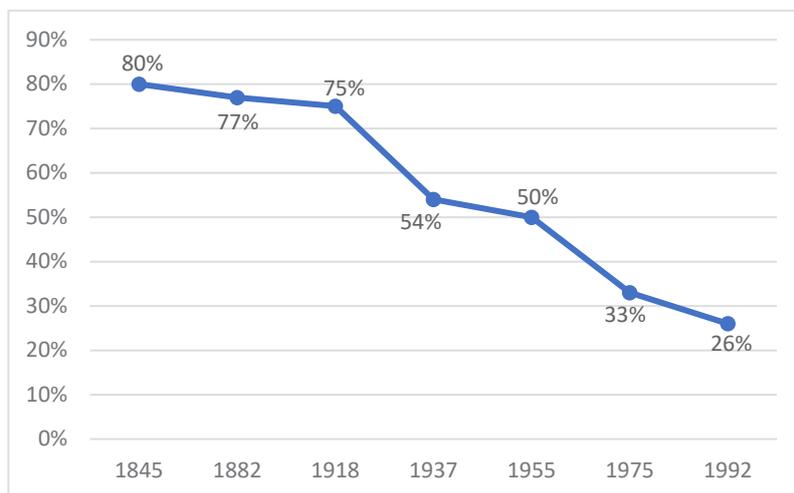
Para o autor, é possível observar aumento significativo no uso de sujeito pronominal pleno, no português europeu e no PB, em relação ao português antigo.

Duarte (1993, 1995) também atesta o fenômeno em questão. Em suas palavras, verifica-se no PB uma “crescente preferência pelo sujeito pronominal pleno” (DUARTE, 1993, p. 107). A autora (DUARTE, 1993, 1995) apresenta dados do PB que evidenciam essa mudança, extraídos de peças de teatro dos séculos XIX e XX. Ela verifica os pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, no singular e no plural, considerando as formas *nós* e *a gente* para 1ª

⁵ Embora o presente artigo tenha orientação funcionalista, entendemos ser possível e produtivo levar em conta, a título de comparação, constatações empíricas de trabalhos ligados ao gerativismo, sem que suas particularidades teóricas comprometam o cotejo de resultados.

pessoa do plural, *tu* e *você* para 2ª pessoa do singular e as formas *vós* e *vocês* para 2ª pessoa do plural. O gráfico 2 mostra a evolução no uso do sujeito nulo no período analisado, reunindo 1ª, 2ª e 3ª pessoas, no singular e no plural, de acordo com a autora:

Gráfico 2. Evolução do uso de sujeito nulo segundo Duarte (1995)



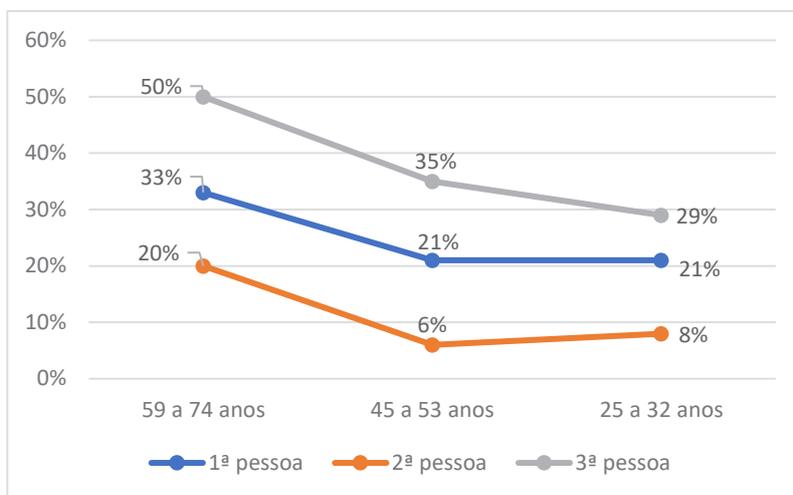
Fonte: Elaboração própria

Como se pode notar, há uma queda contínua no uso de sujeito nulo, a qual é mais significativa a partir de 1918, acentuando-se nos dois últimos períodos, de modo que praticamente se inverte a frequência de sujeito nulo e pleno em 1992.

Duarte (1995) também sustenta a ocorrência da diminuição diacrônica no uso de sujeito nulo a partir da perspectiva do tempo aparente, segundo a qual a variação no uso linguístico de falantes de diferentes gerações pode representar uma variação diacrônica em curso. A autora levanta dados de três grupos de informantes, cada um de uma faixa etária: 59 a 74 anos, 45 a 53 anos e 25 a 32 anos. Esses dados aparecem no gráfico 3, que mostra 1ª, 2ª e 3ª pessoas separadamente (em cada pessoa, estão reunidos singular e plural):

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Gráfico 3. Frequências de sujeito nulo em diferentes gerações de falantes segundo Duarte (1995)

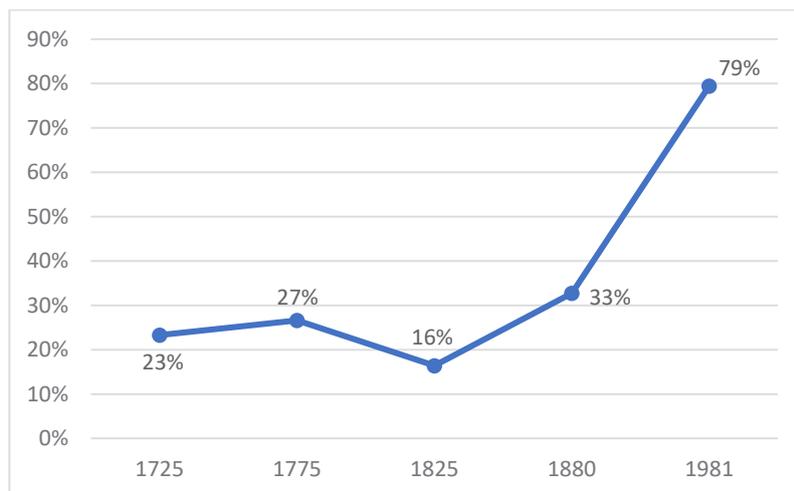


Fonte: Elaboração própria

Embora se possa observar um ligeiro aumento na incidência de sujeito nulo com a 2ª pessoa da faixa etária de 45-53 anos para a de 25-32 anos, os valores mostrados no gráfico indicam uma clara predominância da tendência de queda no uso de sujeito nulo em todas as pessoas da faixa etária mais velha para a mais nova.

Na mesma direção dos trabalhos acima, Tarallo (1993) também considera a ocorrência do fenômeno da diminuição do uso de sujeito nulo no PB – a que o autor remete em termos de aumento do sujeito pleno:

Gráfico 4. Evolução do uso de sujeito pleno no PB segundo Tarallo (1993)



Fonte: Elaboração própria

A despeito de uma queda no índice de sujeito pleno entre 1775 e 1825, os dados de Tarallo (1993) indicam o predomínio do aumento da incidência de sujeito pleno, com um aumento muito expressivo no período de 1880 a 1981.

As pesquisas relatadas acima, enfim, indicam a ocorrência, no PB, do fenômeno aqui tratado como aumento diacrônico nos índices de expressão pronominal do argumento-sujeito (em oposição à sua não expressão). Na seção seguinte, sintetizamos os procedimentos metodológicos que seguimos em Guerra (2017) para levantamento de dados referentes à mudança em questão. Como se poderá ver, além de outras particularidades em relação a trabalhos já realizados sobre a temática (destacadas anteriormente), nosso estudo mostra a trajetória da mudança até início do século XXI, enquanto pesquisas como as relatadas acima recobrem o período até fins do século XX.

Procedimentos metodológicos

Como estabelecido acima, este trabalho tem o objetivo central de disponibilizar dados quantitativos sobre o aumento da expressão pronominal do argumento-sujeito no PB. Na pesquisa em que levantamos os dados a serem, então, aqui apresentados, constituímos um *corpus* formado por peças teatrais brasileiras produzidas do século XIX ao XXI. Considerando que a mudança em foco pode ser mais bem percebida em gêneros textuais orais e tendo em vista a dificuldade (ou impossibilidade) de coletar amostras de língua falada de épocas mais antigas, optamos pela seleção de peças de teatro para compor o *corpus*, como forma de analisar textos mais próximos da modalidade falada, assumindo que peças de teatro, em geral, tendem a reproduzir a língua falada de sua época.

O recorte diacrônico estabelecido decorreu de restrições de acesso a peças anteriores ao século XIX e também do fato de esse recorte recobrir parte considerável da história do PB. Cada século foi dividido em primeira e segunda metade, o que propiciou a comparação entre cinco sincronias: primeira e segunda metades dos séculos XIX e XX e primeira metade do século XXI, referidas aqui como 19-1, 19-2, 20-1, 20-2 e 21-1.⁶

O Quadro 1 reúne as peças utilizadas, seus respectivos autores e anos de produção:

6 Ao fixar regularmente as sincronias 19-1, 19-2, 20-1, 20-2 e 21-1, nosso estudo também se particulariza em relação a outros trabalhos, motivados por focos diferentes, como o de Duarte (1995), que compara os anos de 1845, 1882, 1918, 1937, 1955 e 1992, e o de Tarallo (1993), que compara os anos de 1725, 1775, 1825, 1880 e 1981.

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Quadro 1. Peças teatrais utilizadas em Guerra (2017) para levantamento de ocorrências de (não) expressão pronominal do argumento-sujeito

Ano	Peça	Autor
Sincronia 19-1		
1842	<i>Os dois, ou o inglês maquinista</i> (OIM) ⁷	Martins Pena
1844	<i>Judas em sábado de aleluia</i> (JSA)	Martins Pena
1844	<i>Os irmãos das Almas</i> (OIA)	Martins Pena
1845	<i>Angelica e Firmino</i> (AEF)	Araújo Porto Alegre
1845	<i>As casadas solteiras</i> (ACS)	Martins Pena
1845	<i>As desgraças de uma criança</i> (ADC)	Martins Pena
1845	<i>O cigano</i> (OCI)	Martins Pena
1845	<i>O noviço</i> (ONO)	Martins Pena
1849	<i>Januário Garcia ou o sete orelhas</i> (JAG)	Martim Francisco Ribeiro de Andrada
Sincronia 19-2		
1858	<i>O demônio familiar</i> (ODF)	José de Alencar
1861	<i>Meia hora de cinismo</i> (MHC)	França Júnior
1864	<i>Verso e Reverso</i> (VER)	José de Alencar
1865	<i>A torre em concurso</i> (TEC)	Joaquim M. de Macedo
1869	<i>Romance de uma velha</i> (RDV)	Joaquim M. de Macedo
1870	<i>Remissão de pecados</i> (REP)	Joaquim M. de Macedo
1883	<i>Cahio o ministério</i> (COM)	França Júnior
1885	<i>A lotação dos bonds</i> (ALB)	França Júnior
1888	<i>Almanjarra</i> (ALM)	Artur Azevedo
Sincronia 20-1		
1907	<i>O Dote</i> (ODO)	Artur Azevedo
1921	<i>Onde canta o sabiá</i> (OCS)	Gastão Tojeiro
1921	<i>Ministro do supremo</i> (MDS)	Armando Gonzaga
1928	<i>Balduino</i> (BAL)	Armando Gonzaga
1929	<i>As noivas</i> (ANO)	Paulo Gonçalves
1933	<i>Deus lhe pague</i> (DLP)	Joracy Camargo
1936	<i>Álbum de família</i> (ADF)	Nelson Rodrigues
1943	<i>Vestido de noiva</i> (VDN)	Nelson Rodrigues

⁷ As siglas abreviam os nomes das peças, para a identificação de exemplos extraídos dessas obras.

Sincronia 20-2		
1960	<i>A invasão</i> (AIN)	Dias Gomes
1965	<i>O berço do herói</i>	Dias Gomes
1978	<i>Opera do malandro</i> (ODM)	Chico Buarque
1979	<i>A fábrica de chocolate</i> (FDC)	Mário Prata
1979	<i>Os órfãos de Jânio</i> (ODJ)	Millôr Fernandes
1982	<i>Duas tábuas e uma paixão</i> (DTP)	Millôr Fernandes
1983	<i>Crime e impunidade</i> (CEI)	Roberto Athayde
1989	<i>Doces fragmentos de loucura</i> (DFL)	Isis Baião
Sincronia 21-1		
2001	<i>E erámos todos Thunderbirds</i> (ETT)	Mario Bortolloto
2001	<i>Intimidade Indecente</i> (INI)	Leilah Assumpção
2001	<i>Sobre a arte de cortar bifés</i> (ACB)	Hugo Possolo
2002	<i>Aquele ano das marmitas</i> (ADM)	Naum Alves de Souza
2002	<i>Capitanias Hereditárias</i> (CAH)	Maria Carmen Barbosa e Miguel Falabella
2003	<i>Ilmo. Sr.</i> (ILM)	Naum Alves de Souza
2003	<i>Síndromes</i> (SIN)	Maria Carmen Barbosa e Miguel Falabella
2007	<i>Novas diretrizes em tempos de paz</i> (NDT)	Bosco Brasil
2008	<i>Ilustríssimo Filho da mãe</i> (IFM)	Leilah Assumpção
2012	<i>Nóis Otário(s)</i> (NOO)	Hugo Possolo

Fonte: Elaboração própria

Para a definição desse conjunto final de peças, foram usados os seguintes critérios:

- (i) coleta apenas de obras oficialmente publicadas;
- (ii) seleção, sempre que possível, da primeira edição da obra ou de versão próxima da primeira edição. Em caso de indisponibilidade das próprias obras publicadas, foram utilizados trabalhos de estudiosos que compilaram as obras originais;
- (iii) exclusão de peças que retratam um tempo diferente daquele em que foram escritas e de peças cuja trama não se passa no Brasil;
- (iv) descarte de peças escritas inteiramente em verso ou, no caso de peças que continham trechos em verso, não levantamento de dados desses trechos.

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Uma vez selecionado o *corpus*, foi estabelecido um conjunto de critérios para levantamento de ocorrências de expressão e de não expressão pronominal do argumento-sujeito. Foram recolhidas, para cada sincronia, 200 ocorrências entre uma e outra dessas duas alternativas. Assim, considerando as cinco sincronias, foram levantadas, no total, 1.000 ocorrências. Para a obtenção do total de ocorrências de cada sincronia, foram sendo selecionados todos os casos encontrados nos textos do *corpus*, desde o início do texto até a totalização da quantidade estabelecida (200 dados). Para cada texto do *corpus*, foi fixada a recolha de uma quantia máxima de 25 ocorrências.

Nesse levantamento, os seguintes critérios foram considerados:

- (i) a seleção de ocorrências levou em conta apenas orações principais (orações absolutas, orações matrizes de subordinadas, orações núcleos de adverbiais e primeira oração de estruturas coordenadas);
- (ii) o levantamento das 200 ocorrências de cada sincronia foi feito de modo a contemplar igualmente 1ª e 2ª pessoas, do singular e do plural, isto é, coleta de 50 ocorrências de cada uma dessas quatro opções;
- (iii) no contexto da 2ª pessoa do singular, o levantamento considerou como representativas dessa pessoa do discurso, indiscriminadamente, ocorrências relativas tanto ao pronome *tu* quanto ao pronome *você*; igualmente, no âmbito da 1ª pessoa do plural, o levantamento incorporou casos de *nós* e de *a gente*; da mesma forma, no domínio da 2ª pessoa do plural, o levantamento considerou casos referentes às formas *vós* e *vocês*;
- (iv) foram excluídas ocorrências compostas pela coordenação entre formas pronominais e outros sintagmas, como em *eu e meu irmão fomos ao cinema*, *você e a Maria fazem a mesma faculdade* etc.;
- (v) foram descartadas ocorrências de orações com verbos no imperativo.

Além disso, como explicado, o estudo foi delimitado à 1ª e à 2ª pessoas do discurso (no singular e no plural), desconsiderando a 3ª pessoa (singular e plural). Como se sabe, 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural (daqui em diante, 1PS, 2PS, 1PP e 2PP) constituem as chamadas pessoas do discurso, em oposição à 3ª, considerada a não pessoa. Nesse sentido, essa delimitação de nosso objeto de estudo circunscreveu a pesquisa a um subsistema particular de referência, a referência de natureza dêitica.

Dados quantitativos sobre o aumento da incidência de expressão pronominal do argumento-sujeito no PB e ocorrências exemplificativas

A Tabela 1 exibe nossos dados quantitativos sobre a mudança em pauta, mostrando os valores de cada pessoa do discurso separadamente e a média entre elas:

Tabela 1. Dados sobre expressão e não expressão pronominal do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas do singular e do plural no português brasileiro do século XIX ao XXI

Pessoa do discurso	Expressão pronominal	19-1	19-2	20-1	20-2	21-1
1PS	+	28% (14/50)	32% (16/50)	22% (11/50)	36% (18/50)	58% (29/50)
	-	72% (36/50)	68% (34/50)	78% (39/50)	64% (32/50)	42% (21/50)
2PS	+	24% (12/50)	18% (09/50)	54% (27/50)	56% (28/50)	68% (34/50)
	-	76% (38/50)	82% (41/50)	46% (23/50)	44% (22/50)	32% (16/50)
1PP	+	18% (09/50)	14% (07/50)	38% (19/50)	54% (27/50)	68% (34/50)
	-	82% (41/50)	86% (43/50)	62% (31/50)	46% (23/50)	32% (16/50)
2PP	+	14% (07/50)	30% (15/50)	58% (29/50)	86% (43/50)	76% (38/50)
	-	86% (43/50)	70% (35/50)	42% (21/50)	14% (07/50)	24% (12/50)
Média	+	21% (42/200)	23,5% (47/200)	43% (86/200)	58% (116/200)	67,5% (135/200)
	-	79% (158/200)	76,5% (153/200)	57% (114/200)	42% (84/200)	32,5% (65/200)

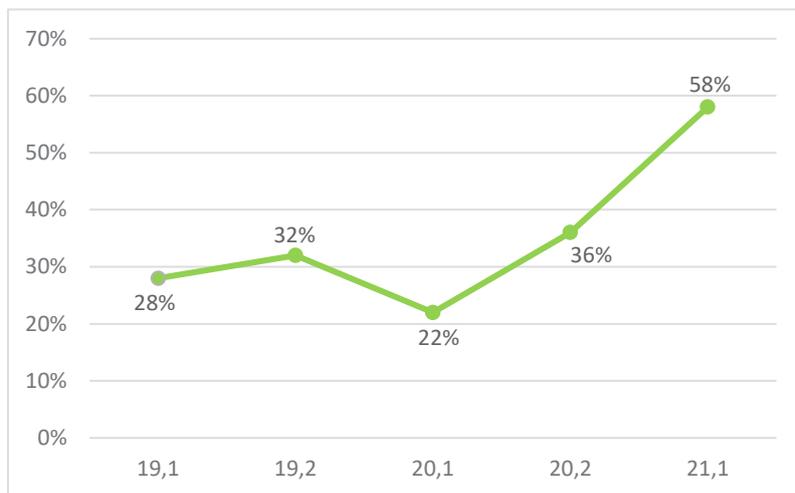
Fonte: Elaboração própria

Além das frequências de ocorrência, a tabela expõe valores absolutos (entre parênteses). Como explica a seção anterior, para cada sincronia e cada pessoa, foram coletadas 50 ocorrências entre expressão e não expressão pronominal do argumento-sujeito, o que soma, para análise da média entre os quatro contextos analisados (1PS, 2PS, 1PP, 2PP), 200 ocorrências a cada sincronia. Em relação a esses valores absolutos, são identificados os percentuais da tabela.

Como se vê, tanto os resultados de cada pessoa quanto os da média confirmam o processo de aumento diacrônico na incidência de expressão pronominal (e inversamente a diminuição da frequência de não expressão). O Gráfico 5 destaca especificamente os dados de 1PS, mostrando os valores relativos à opção pelo uso de pronome:

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Gráfico 5. Frequência de expressão pronominal do argumento-sujeito de 1ª pessoa do singular do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

O gráfico evidencia que, ao longo do recorte temporal observado, prevalece a tendência de aumento da frequência de expressão pronominal. Com exceção do período entre 19-2 e 20-1, em que há retração do uso de pronome, nas demais passagens entre sincronias se verifica aumento de incidência. Inicialmente, em 19-1, a taxa de expressão pronominal encontra-se em 28%, sobe para 32% em 19-2, caindo para 22% em 20-1 (queda de 10%), porém essa diminuição é compensada na sequência: em 20-2 o índice já sobe para 36% (elevação de 14%, que recupera a redução anterior) e, continuando a tendência de aumento percentual, registra 58% em 21-1. Do início ao fim do período total observado, a frequência passa de 28%, em 19-1, para 58%, em 21-1, um crescimento de 30 pontos percentuais que faz a expressão pronominal, entre 20-2 e 21-1, superar a não expressão e se tornar a alternativa predominante no PB, no domínio de IPS.

Embora, como já definido, nosso trabalho focalize uma descrição quantitativa, os dados apurados permitem esboçar, complementarmente, observações de ordem qualitativa (que podem, inclusive, fomentar pesquisas futuras). A esse respeito, dentre outros possíveis caminhos de análise, é interessante notar que o aumento diacrônico da frequência de expressão pronominal em IPS é um movimento da língua compatível, de fato, com o princípio da competição entre forças como iconicidade e economia, sendo plausível a hipótese de que tal competição estaria na base de tal mudança.

Considerando os nove tempos/modos do PB padrão (seis tempos do indicativo e três do subjuntivo), as formas verbais relativas a IPS (levando em conta verbos regulares) incluem apenas três formas com desinência número-pessoal explícita (*cante-i*, *cant-o*,

cantare-i), sendo as demais caracterizadas por desinência zero (*cantara-Ø*, *cantava-Ø*, *cantaria-Ø*, *cante-Ø*, *cantasse-Ø*, *cantar-Ø*). Assim, num momento em que a língua exhibe predomínio de não expressão pronominal de IPS (por exemplo, em 19,1), a construção de orações em que o argumento-sujeito refere-se a IPS caracteriza-se, prevalentemente, pela economia linguística: o predomínio de não expressão pronominal, interagindo com o predomínio de formas verbais sem desinência número-pessoal explícita, potencializa orações em que o significado de IPS é veiculado sem nenhuma expressão formal. Nessa configuração, a língua favorece, na esfera de IPS, mais construções econômicas, como *Ø cantava-Ø bem*, do que construções não econômicas, como *eu cantava-Ø bem*.

Essa tendência se inverte, conforme o PB vai aumentando a incidência de expressão pronominal de IPS, e a língua deixa de fomentar predominantemente construções econômicas. Porém, essa nova situação é compatível com a dominância da motivação icônica: o aumento de expressão pronominal, interagindo com aquele mesmo predomínio de formas verbais sem desinência número-pessoal explícita, privilegia agora a construção de orações icônicas (isomórficas) no que diz respeito à expressão do significado de IPS, como *eu cantava-Ø bem* (em que uma forma, o pronome sujeito, expressa um significado, o de IPS), em detrimento de construções não icônicas (como *Ø cantava-Ø bem*).

Ou seja, o aumento diacrônico de expressão pronominal, na esfera de IPS, é condizente com o entendimento de que a língua vai se movimentando em função da atuação de forças como economia e iconicidade. Um estado de prevalência de não expressão pronominal é compatível com a dominação da economia linguística. Quando aumenta a expressão pronominal, a língua deixa de ser econômica, mas não se moveria, aleatoriamente, para um estado qualquer, e sim para uma situação compatível com outra força fundamental, no caso, a de iconicidade. Trata-se, enfim, de hipóteses funcionais que poderiam explicar os dados quantitativos apurados.

A título de ilustração e disponibilização de ocorrências, seguem abaixo um exemplo de uso e um de não uso do pronome de IPS de cada uma das sincronias em discussão:

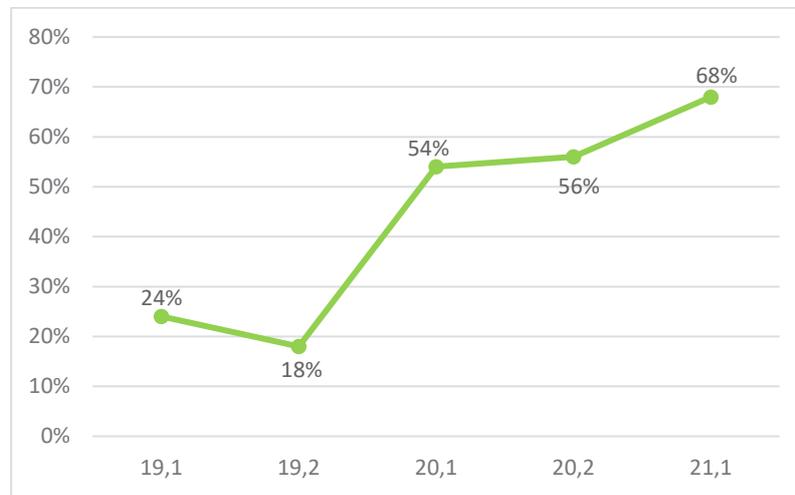
- (2) LUIZA – Não é possível viver assim muito tempo! – Sofrer e calar é minha vida. – [...] **Eu** já **podia** estar livre de tudo isto, se não fosse o maldito segredo que descobri. (19-1, OIA).
- (3) NEGREIRO – [...] Veja só os generos de primeira necessidade quanto pagam! O vinho, por exemplo, cinquenta por cento!
CLEMENCIA – **Boto** as mãos na cabeça todas as vezes que recebo contas do armazém ou da loja de fazendas. (19-1, OIM).

• | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

- (4) FAUSTINA – Lá vem elle... como é bonito! mas **eu** não **chamei** pessoa alguma. (19-2, TEC).
- (5) FELIPPE (*a Ernesto*) – Vinte contos, meu caro senhor! Anda amanhã a roda! Vinte contos!
ERNESTO – **Agradeço**; não estou disposto. (19-2, VER).
- (6) CONSTANÇA – **Eu** só **quero** ver onde irá parar o Ananias com todas essas despesas.
GENOVEVA – O futuro a Deus pertence. (20-1 MDS).
- (7) TERESA – Você jura?
GLÓRIA – **Juro**. (20-1, ADF).
- (8) HERRERA – Aí foi demais. Aí **eu** não **agüentei**. Vi que não tinha jeito mesmo. (20-2, FDC).
- (9) BENÉ (*Num tom abafado*) – Por aqui. Podem vir.
ISABEL – Espera aí, homem. Tá tudo cheio de prego. Já me **estrepei**... (20-2, AIN).
- (10) PAULA – Você é do tipo que bebe demais e esquece tudo.
ZERO – **Eu** não **bebo** pra esquecer. (21-1, ETT).
- (11) PAULA – Você é do tipo que bebe demais e esquece tudo.
ZERO – Eu não bebo pra esquecer. Mas **tenho** que admitir que esqueço de um bocado. (21-1, ETT).

O Gráfico 6, por sua vez, focaliza os dados quantitativos de 2PS:

Gráfico 6. Frequência de expressão pronominal do argumento-sujeito de 2ª pessoa do singular do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

Como no caso de 1PS, também com 2PS predomina a tendência de aumento da frequência de expressão pronominal. Excetuando-se a fase inicial entre 19-1 e 19-2, na qual se vê redução percentual (pouco expressiva, de apenas seis pontos), em todo o restante do período observado percebe-se aumento de incidência. Destaca-se a transição de 19-2 para 20-1, em que o índice do emprego de pronome salta 36 pontos, fazendo essa alternativa sobrepôr-se à não expressão pronominal. Na continuidade, a frequência de uso de pronome continua em alta, chegando a 68% ao final do espaço temporal analisado, valor que excede o mais alto registrado em 1PS e resulta de uma ampliação de 44 pontos em relação ao percentual do início da contagem.

Em termos qualitativos, o aumento na incidência de expressão pronominal em 2PS também pode ser associado às motivações em competição. As formas verbais regulares relativas ao pronome *tu*, em todos os tempos/modos do PB padrão, têm desinência número-pessoal explícita. Assim, o aumento percentual na incidência desse pronome fomentaria construções redundantes (*tu canta-s bem* em vez de \emptyset *canta-s bem*), que não são nem icônicas nem econômicas. Porém, esse sistema seria compensado pela substituição diacrônica de *tu* por *você*. A maioria das formas verbais relativas a *você* têm desinência número-pessoal zero. Desse modo, o aumento na incidência de expressão pronominal de 2PS juntamente com a tendência de substituição de *tu* por *você* fomentam construções como *você canta- \emptyset bem* (em lugar de *tu canta-s bem*), ou seja, construções icônicas em termos de expressão do argumento-sujeito.

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

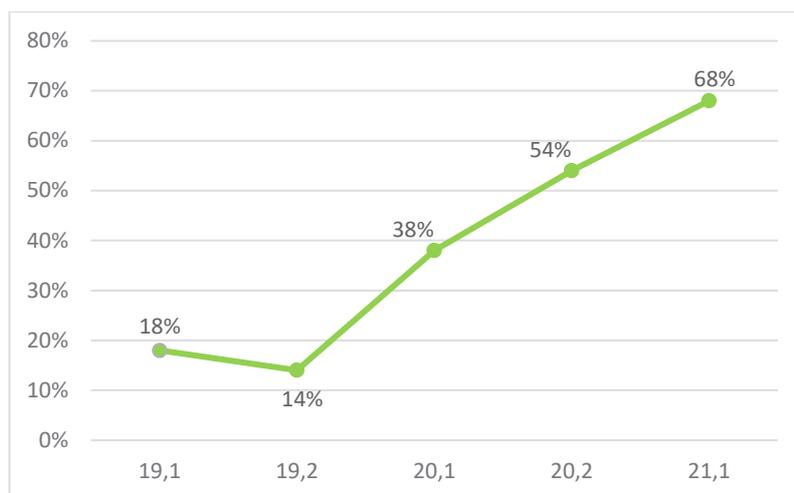
Também seguem adiante ocorrências de expressão e não expressão pronominal para cada uma das sincronias, agora no contexto de 2PS:

- (12) MARICOTA – Minha cara, nós não temos dote, e não é pregada á cadeira que acharemos noivo.
CHIQUINHA – **Tu** já o **achaste** pregada á janella? (19-1, JSA).
- (13) EUFRAZIA – Luísa, tu não queres ir ver os finados?
LUIZA – Não posso, estou incomodada. Quero ficar em casa.
EUFRAZIA – **Fazes** mal. (19-1, OIA).
- (14) VITORINO – Vivam os Tenentes do Diabo!
TODOS – Hip! Hip! Urrah!
ERNESTO – **Tu gritas** mais do que comes, meu caro amigo. (19-2, ALB).
- (15) CASIMIRO – Vou dar um curto passeio e volto já para tomar café.
VIOLANTE – **Vais** ver a nossa vizinha? (19-2, RDV).
- (16) MIGUEL – É verdade. Foi outro pequeno esquecimento...
BALDUINO (*zangado*) – **Você vive** com a cabeça não sei onde. (20-1, BAL).
- (17) MARIA – Boa noite! (*Limpando uma cadeira com o avental*). Faça favor de sentar-se.
SENHOR (*Risonho*) – Obrigado. Não **tem** curiosidade em saber quem sou eu? (20-1, DLP).
- (18) CONCEIÇÃO – [...] Jânio era macho. Levantava às 5 da manhã e lia todos os jornais – não era recorte não; com ele não tinha esse negócio de sinopse! Lia tudinho enquanto tomava café. E tacava bilhete pra todo mundo: ministro, general, embaixador, pra Deus e o diabo na terra do sol. [...]. (Pausa.) **Você já imaginou** o prefeito de Muribeca dos Curibocas recebendo um bilhete de censura do presidente? (20-2, ODJ).
- (19) DURAN – (*Toca a campainha; Duran desliga o telefone e berra*) Entra, porra! (*O sininho toca novamente; Duran levanta-se e vai até a porta, que é uma porta giratória; sai por ela e volta empurrando uma jovem de aparência lamentável, muito magra e com a roupa esfarrapada*) Não **sabe** ler, não? Não viu a placa escrito: entre sem bater? (20-2, ODM).
- (20) CARMELO – Ah, antes que eu me esqueça! E o pão com manteiga? Pãozinho de ontem, requentado no forno. Com manteiga rançosa. **Você vai** acabar espantando a freguesia. (21-1 ILM).

- (21) CARMELO – Quem é que gosta de carne de segunda?
 FILHO – Não esperava ouvir isso.
 CARMELO – Me **achou** grosso? (21-1, ILM).

O Gráfico 7 põe em evidência os dados quantitativos de IPP:

Gráfico 7. Frequência de expressão pronominal do argumento-sujeito de 1ª pessoa do plural do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

Também em IPP o movimento preponderante é o de aumento na incidência de expressão pronominal. Similarmente ao que ocorre no domínio de 2PS, na esfera de IPP o índice do uso de pronome cai entre 19-1 e 19-2 (apenas quatro pontos percentuais) e, em todo o período restante, aumenta continuamente. Em 20-2, ultrapassa a margem de 50%, indicando que a escolha pelo pronome passa a ser prioritária no domínio de IPP, e em 21-1 alcança o valor de 68%, registrando uma ampliação de 50 pontos percentuais entre o início e o fim do período observado.

Observando esses dados qualitativamente, pode-se notar o mesmo tipo de movimento destacado acima acerca de 2PS, já que o aumento percentual de expressão pronominal em IPP é acompanhado pelo aumento diacrônico na incidência da forma *a gente* em detrimento de *nós* e já que as formas verbais relativas a esses pronomes se comportam de modo igual às formas relativas aos pronomes *você* e *tu*, respectivamente, no que tange à presença/ausência de desinência número-pessoal explícita.

Novamente, são fornecidas abaixo ocorrências exemplificativas:

- (22) TIBURCIO – Consentes que eu falle a teu mano?
 LUIZA (*vergonhosa*) – Não sei...

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

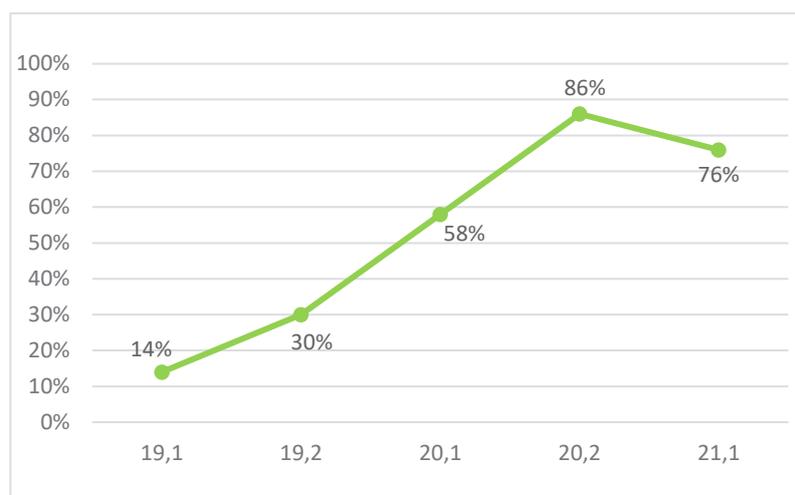
TIBURCIO (*beijando-lhe a mão*) – Malditos tagarellas que iam-me fazendo perder este torrão d’assucar. Minha Luiza, **nós seremos** muito felizes [...]. (19-1, OIA).

- (23) CABO (*entrando*) – Que gritos são esses?...
MARIANNA – **Temos** ladrões em casa ?... (19-1, OIA).
- (24) FELICIANINHA – Fui ao *Palais-Royal* experimentar um vestido, fui depois ao dentista, entrei no Godinho para ver umas fitas para o vestido da Chiquinha ...
MARIQUINHAS – **Nós** também **estivemos** no Godinho. (19-2, CM).
- (25) CAMILO – Elvira, está tudo perdido!
ELVIRA – Tudo perdido?! Não o compreendo!
CAMILO – Não **podemos** sair daqui sem um grande escândalo! (19-2, ALB).
- (26) NINI – A senhora, de certo, não queria que recebessemos pessoas de tanta distincção, com as paredes assim escalavradas. (mostra as paredes).
CONSTANÇA – O grande erro foi ter feito o convite. **Nós** não **estamos** em condições de receber ninguém. (20-1, MDS).
- (27) PEDRO [...] – Está quase na hora. **Temos** que andar depressa; depois do nosso, tem outro casamento.
ALÁIDE (queixosa) – Quer dizer que o outro casamento vai aproveitar a nossa ornamentação?
PEDRO – Deixa. Não tem importância. (20-1, VDN).
- (28) EUFRÁZIA (SENSUAL) – [...] Isolda, como você é energética, viril! Estou sentindo agulhadas em minhas velhas carnes!
ISOLDA (COM MALÍCIA) – Ih, não exagere, dona Eufrázia! **Nós temos** um “caso”, mas não é nesses termos... (20-2, DFL).
- (29) CECI – Os técnicos do Metrô vistoriaram tudo. Garantem que nos próximos cinco anos não cai.
CORDÉLIA – O perigo são essas garantias. Não **podemos** exigir indenização? (20-2, DTP).
- (30) LOBO – Agora, eu já me perdi. Tou com a cabeça péssima. Um minutinho. (*Para fora, tapando o bocal.*) Nildo, me compra Memoriol, agora! Tou precisando de uma talagada. (*De volta.*) **Nós estávamos** falando do que, mesmo, minha senhora? (21-1, SIN).

- (31) ISMAEL – Sábado, você pode não estar aqui, Maria Olga! Ninguém sabe que rumo os acontecimentos vão tomar.
 STELLA (Acelerada.) – Ele tem razão, Maria Olga. Se a coisa continuar assim, **vamos** pra Miami e esperamos a poeira abaixar. (21-1, CAH).

Finalmente, o Gráfico 8 mostra os dados sobre 2PP:

Gráfico 8. Frequência de expressão pronominal do argumento-sujeito de 2ª pessoa do plural do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

Como se vê, prevalece o aumento de frequência de expressão pronominal também no domínio de 2PP, no qual, como nos casos anteriores, apenas uma transição entre sincronias mostra diminuição do emprego de pronome. Entre 19-2 e 20-1, o índice registrado supera a casa de 50% e, ao término do período em análise, marca 76%, valor final mais alto dentre os identificados em todos os contextos verificados (IPS, 2PS, IPP, 2PP), resultando, em relação ao início do período, num aumento de 62 pontos percentuais.

Sob um olhar qualitativo, cabe observar uma particularidade nos dados de 2PP: nos demais contextos (IPS, 2PS e IPP), a redução de uso pronominal aparece nas fases mais iniciais do período sob análise, quando ainda predomina a não expressão pronominal, enquanto, com 2PP, essa retração se verifica na fase final, quando já é preponderante (e mais natural) a opção pelo pronome. A esse respeito, é interessante notar que a queda acontece após o índice percentual atingir um valor que é o mais alto atestado (86%) levando em conta, até mesmo, os quatro contextos analisados. Trata-se, inclusive, de um valor expressivamente superior ao máximo registrado nos demais contextos (58% em IPS e 68% em 2PS e IPP). Esse seria um movimento passível de ser interpretado como bastante

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

ilustrativo da atuação de forças comunicativo-cognitivas sobre as mudanças linguísticas, conforme argumentado em Guerra (2017). Em todos os tempos/modos verbais do PB padrão, as formas verbais de 2PP (tanto as relativas a *vós* quanto as referentes a *vocês*) têm desinência número-pessoal explícita (por exemplo, *cantais*, *cantam*, *cantáveis*, *cantavam*). Assim, o aumento de expressão pronominal no domínio de 2PP fomenta sempre construções redundantes em termos de expressão do argumento-sujeito (como *vocês cantam*, *vós cantais*), uma situação nem icônica, nem econômica de codificação linguística. Desse modo, a retração que se vê no índice de expressão pronominal em 2PP, após ele se tornar marcadamente alto, seria uma situação ilustrativa do processo pelo qual a língua vai sendo “ajustada” por motivações como iconicidade e economia.

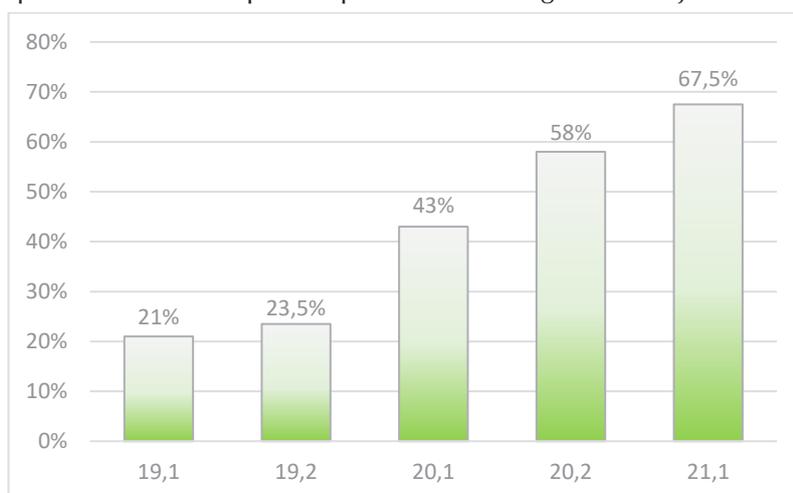
Seguem ocorrências de (não) expressão pronominal na esfera de 2PP:

- (32) FLORENCIA – Uma comédia?!...
AMBROSIO – Sim, era uma comédia... um divertimento... uma surpresa... Eu e o sobrinho arranjávamos isso... bagatella... não é assim Carlinho? Mas então **vocês** não **ouviram** o officio até o fim?... quem prérgou?... (19-1, ONO).
- (33) CARLOS – Nem eu, nem o primo Juca queremos ser frades.
AMBROSIO – Não **serão**... (19-1, ONO).
- (34) D. MARIA – **Vocês ficam?** A tarde está bastante fresca!
EDUARDO – Já vamos, minha mãe. (19-2, ODF).
- (35) RAUL – Senhor Conselheiro, satisfaça-nos a curiosidade. Quem é o homem que nos vai governar?
ANASTÁCIO – Pois ainda não **sabem**?
GOULARTE – São tantas as versões,..
ANASTÁCIO – Pensei que estivessem mais adiantados. Ora ouçam lá. (19-2, CM).
- (36) TERESA – Então! Bem, agora leia a carta.
ANGÉLICA – Leia você, Cecília; eu tenho vergonha.
CECÍLIA – Leio, mas depois a Teresa não vá dizer que eu sou abelhuda.
ANGÉLICA (num sorriso) – Ih! **vocês** nem **parecem** irmãs! São tão briguentas! (20-1, ANO).
- (37) FLORIPES – É claro como água. Só não vê quem é cego...
CARLOS (para mudar de conversa) – Mas então, **andam** a passeio?
AMBROSINA – Qual passeio! Nós sahimos de casa para vir ao dentista. (20-1, BAL).

- (38) AURORA (furiosa) – **Vocês foram** para as ilhas gregas?
ALBERTO (excitado) – Mykonos, fora da estação claro... Porque eu queria oferecer a ele a cultura do princípio, entende, d. Aurora, tal como ela começou. Naturalmente tinha que ser a Grécia. (20-2, CEI).
- (39) ROSEMARY – Cazzo! Vão querer o radinho. Se é que isso pode ser chamado de radinho.
- (40) BASEADO – Ou então é o Dodói que está aprontando alguma.
HERRERA – **Querem** calar essa boquinha? Alô? Quem? Ah, o doutor? (20-2, FDC).
- (41) TÁLIA – Dionísio deixou recado para você ligar depois.
AÇOUGUEIRO 2 – Depois, quando?
TÁLIA – De noite. Quando **vocês tiverem** terminado.
AÇOUGUEIRO 1 – Parece que não vai terminar nunca.
TÁLIA – Parece mesmo. Mas não deixa de ligar... (21-1, ACB).
- (42) GABRIEL – Vocês deviam dar graças a Deus por estarem hospedando um homem como o Seu Heitor.
BRANCA – Se eu souber por que...
GABRIEL – Com o tempo **vão saber**. (21-1, ADM).

Em síntese, em todos os levantamentos observados (1PS, 2PS, 1PP e 2PP), a despeito de momentos (pontuais) de contração nos índices do uso de pronome, predomina o aumento desse recurso linguístico. Esse movimento é observado também na média entre os levantamentos, como destaca o gráfico 9:

Gráfico 9. Frequência média de expressão pronominal do argumento-sujeito do século XIX ao XXI



Fonte: Elaboração própria

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

Fica explicitado pelo gráfico o fato de que a frequência média do uso de pronome aumenta ao longo do período estudado, seguindo, inclusive, um percurso constante de ascensão, sem nenhum momento de redução percentual. Na passagem de 20-1 para 20-2, o índice supera o de ausência pronominal e, ao final do período, alcança uma taxa que representa crescimento de 66,5 pontos percentuais em relação ao início da contagem.

Desse modo, os dados aqui apresentados, tanto no que diz respeito a cada contexto particular analisado, quanto no que tange à média geral, (i) sustentam que, no PB, da primeira metade do século XIX ao início do XXI, verifica-se, com efeito, um processo de aumento percentual da expressão pronominal do argumento-sujeito e (ii) oferecem especificações quantitativas de como o processo vai ocorrendo.

Considerações finais

Este artigo apresentou dados diacrônicos quantitativos sobre o aumento do índice de expressão pronominal do argumento-sujeito na história do PB, bem como ocorrências exemplificativas, complementando a exposição com reflexões qualitativas introdutórias sobre os dados apurados. Os resultados fornecidos corroboram o fenômeno em questão, a partir de perspectiva teórica, *corpus*, critérios de levantamento e segmentação temporal particulares em relação a outras pesquisas, ampliando e diversificando as fontes de informação para análise e entendimento da mudança.

Como sintetizado na seção teórica acima, um fenômeno como a evolução diacrônica do grau de transparência do PB decorreria, dentre outros fatores, de uma interação entre as tendências da língua no que tange à expressão pronominal do argumento-sujeito e às mudanças *tu/você* e *nós/a gente*. Ou seja, uma descrição como a aqui exposta pode alimentar estudos não apenas sobre a trajetória do uso de pronomes, mas sobre outras mudanças a ela relacionadas, como a diacronia da transparência.

É nesse sentido que esperamos que este artigo possa representar uma contribuição, ao funcionar como corroboração de uma tendência geral e fundamental do PB e, sobretudo, como disponibilização de dados de base para outras pesquisas.

Referências

CROFT, W. **Typology and universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993. p. 107-128.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

GIVÓN, T. Iconicity, isomorphism and non-arbitrary coding in syntax. *In*: HAIMAN, J. **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 187-219.

GUERRA, A. R. **Diacronia do grau de transparência do sistema de referência por expressão pronominal e desinencial do argumento-sujeito de 1ª e 2ª pessoas no português brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2017.

HAIMAN, J. The iconicity of grammar: isomorphism and motivation. **Language**, Baltimore, v. 56, n. 3, p. 515-540, 1980.

HAIMAN, J. Iconic and economic motivation. **Language**, Baltimore, v. 59, n. 4, p. 781-819, 1983.

HAIMAN, J. **Natural syntax**: iconicity and erosion. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**. New York: Oxford University Press, 2008.

KAISER, G. A. Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro. *In*: LOBO, T. *et al.* (ed.). **Para a história do português brasileiro**. Novos dados, novas análises. v. 6. Salvador: EdUFBA, 2006. p. 11-42.

LEUFKENS, S. **Transparency in language**: a typological study. Utrecht: LOT, 2015.

LIGHTFOOT, D. W. A Theory of change. *In*: LIGHTFOOT, D. W. **Principles of diachronic syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 120-166.

LOBO, M. Sujeito nulo: sintaxe e interpretação. *In*: RAPOSO, E. *et al.* (org.). **Gramática do português**. v. 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 2309-2335.

- | Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro

OLIVEIRA, T. P. Subject expression in Brazilian Portuguese. *In*: KEIZER, E.; OLBERTZ, H. (org.). **Recent Developments in Functional Discourse Grammar**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2018. p. 208-232.

RAPOSO, E. **Teoria da gramática**: a faculdade da linguagem. Lisboa: Editorial Caminho, 1992.

SLOBIN, D. I. Language change in childhood and in history. *In*: MACNAMARA, J. (ed.). **Language learning and thought**. New York: Academic Press, 1977. p. 185-214.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. *In*: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (org.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993. p. 69-105.

COMO CITAR ESTE ARTIGO: GUERRA, Alessandra Regina. Descrição diacrônica da expressão pronominal do argumento-sujeito no português brasileiro. **Revista do GEL**, v. 19, n. 3, p. 203-230, 2022. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg>

Submetido em: 11/07/2022 | Aceito em: 09/12/2022.
